A arte é a expressão da nossa luta

Boletim de Arte Tricontinental | Boletim n. 2 (abril de 2024)



Criando como um sujeito coletivo

Há 40 anos, das cinzas de uma ditadura militar de 21 anos e seguindo o legado das ligas camponesas e dos movimentos cristãos revolucionários do Brasil, o **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra** (MST) nasceu. Ao longo de quatro décadas de luta pela terra, reforma agrária e transformação social, o MST se transformou em um dos maiores movimentos sociais do mundo, com 450 mil famílias vivendo em assentamentos duramente conquistados. Além de garantir vitórias para a classe trabalhadora brasileira, o MST tem carregado a bandeira do internacionalismo e ajudado a construir plataformas internacionais, incluindo nosso próprio instituto, e processos de lutas populares mais amplas.

Para comemorar esse aniversário, em colaboração com o MST, os movimentos da Alba e a Assembleia Internacional dos Povos, lançaram uma **convocatória** para obras de arte, inspirada em quatro temas: o MST e a solidariedade entre os povos; 40 anos de luta e resistência; a gente cultiva a terra e a terra cultiva a gente; e

40 anos libertando a terra e o camponês. Recebemos mais de 140 obras de arte de artistas de várias gerações, com idades entre 19 e 74 anos. Em 23 de abril foi lançada a exposição online ***Os 40 anos do MST***. Enquanto isso, 40 obras de arte – uma para cada ano de existência do MST – serão curadas em uma exposição no VII Congresso Nacional do movimento, que reunirá 20 mil pessoas em Brasília em julho deste ano.



Sete dessas obras de arte também são apresentadas em nosso último dossiê, ***A organização política do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST)***, lançado no Dia Internacional da Luta Camponesa, em 17 de abril. Neste dia, lembramos o massacre sangrento de 19 membros do MST pela Polícia Militar em Eldorado dos Carajás em 1996. Para este boletim, conversamos com Tarcísio Leopoldo e Vanessa Dias Diniz, membros da Brigada de Artes Visuais Cândido Portinari do Coletivo de Cultura do MST, que criaram a arte da capa do dossiê. A obra de arte produzida coletivamente reúne muitos elementos visuais que simbolizam 40 anos de luta: um grande girassol à esquerda, e ferramentas agrícolas e de desenho à direita, abraçam a bandeira do MST no centro. As linhas do livro aberto fluem para as fileiras de plantações. Há barracas de lona preta típicas dos acampamentos do movimento, onde crianças aprendem em "escolas itinerantes" construídas onde quer que o MST esteja mobilizado. Em primeiro plano, os camponeses estão cultivando e as crianças estão brincando, correndo em direção a um futuro que está além da página. Esses símbolos não são apenas representações de uma luta, mas ferramentas de mobilização eficazes para criar identificação pessoal e massificar a luta.

"A arte", diz Tarcísio, "é a expressão de nossa luta, e nós, como militantes-artistas ou artistas-militantes,

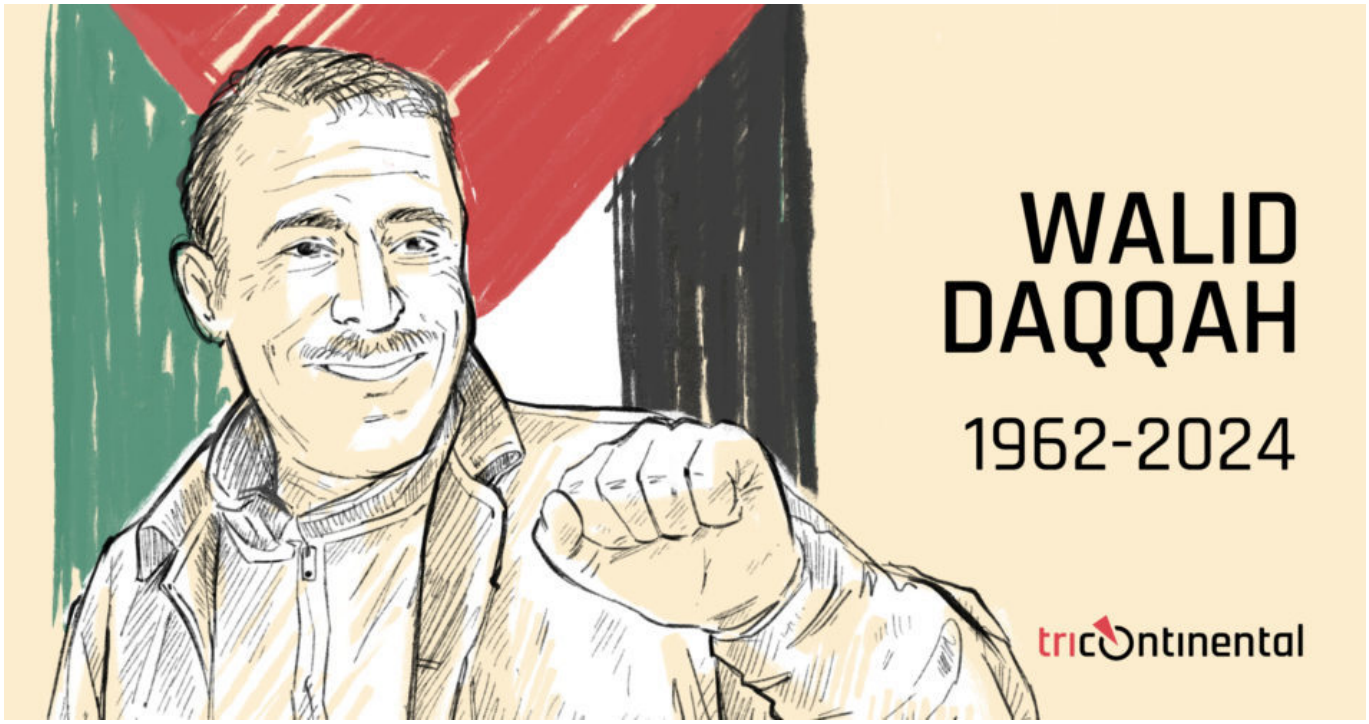
questionamos constantemente se nossa arte e nossos símbolos expressam adequadamente nosso projeto político". Para ele, seria inconcebível que os quadros de uma organização política não representassem os símbolos das lutas diárias e os processos de organização de massa, solidariedade e internacionalismo em sua criatividade. Da mesma forma, esse processo nunca poderia ser um esforço individual. "Nós, como *militantes* de um movimento social, sempre nos vemos como um sujeito coletivo; mesmo em trabalhos individuais, isso tem um peso significativo – não se trata apenas de uma questão individual e isolada. Em vez disso, [a obra de arte] já traz consigo o acúmulo do debate coletivo, o processo histórico, a luta, e possui essa característica".

Para essa obra de arte, Vanessa esboçou o primeiro rascunho digitalmente, que Tarcísio finalizou usando aquarelas, mantendo um diálogo coletivo. Inspirar-se em um processo político coletivo e devolver os frutos desse trabalho criativo é uma das coisas mais revolucionárias que um artista pode fazer. Ele desafia a lógica capitalista do individualismo e a mercantilização da arte e da cultura, e ajuda a reconstruir a vida coletiva. Nossa exposição e nosso dossiê foram lançados durante o Abril Vermelho, um mês em que o MST organiza ações em todo o país, de marchas e ocupações a atividades de formação política e de solidariedade, sob a bandeira "Ocupar para alimentar o Brasil".

A prisão tem um cheiro parecido com o cheiro da morte

Em 7 de abril de 2024, Walid Daqqah, escritor revolucionário, pensador e um dos prisioneiros palestinos mais duradouros da ocupação israelense, morreu de câncer e negligência médica aos 63 anos de idade. No ano passado, quando sua sentença de 37 anos de prisão terminou, ele continuou preso, um ato que nós, do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social e mais de 40 editoras da International Associação Internacional de Editoras de Esquerda **condenamos**. Daqqah havia dito, em um presságio, que "a prisão tem um cheiro parecido com o cheiro da morte, e a morte tem o cheiro da morte e nada mais".

A voz de Daqqah continua a ser transmitida por meio de seus romances, ensaios e cartas que inspiraram o movimento internacional de solidariedade com o povo palestino, milhares dos quais continuam presos nas cadeias israelenses. Uma bela animação em *stop-motion* baseada na vida de Daqqah foi feita por mulheres e meninas da **União dos Comitês de Mulheres Palestinas**, em colaboração com a **Fábrica de Animação**. Você pode assisti-lo **aqui**. Para homenagear a vida de Walid Daqqah e o Dia dos Prisioneiros Palestinos em 17 de abril, nosso coletivo de arte fez este retrato, desenhado por Dani Ruggeri.



Assim como o MST na luta pela reforma agrária, a luta pela libertação da Palestina se consolidou nas últimas oito décadas em torno de seus próprios símbolos poderosos. A flor da papoula. A funda. A bandeira. A chave. O lenço keffiyeh. A laranja. A melancia. O vestido bordado. A oliveira. O "V" de vitória. Cada um desses símbolos é uma expressão da luta palestina pela libertação e pelo retorno. Saiba mais sobre seus significados em um **infográfico interativo** de nossos amigos da Utopix, com arte de Kael Abello, que também é membro do coletivo de arte do Tricontinental.

Furamos o bloqueio, mesmo que apenas na ordem cultural

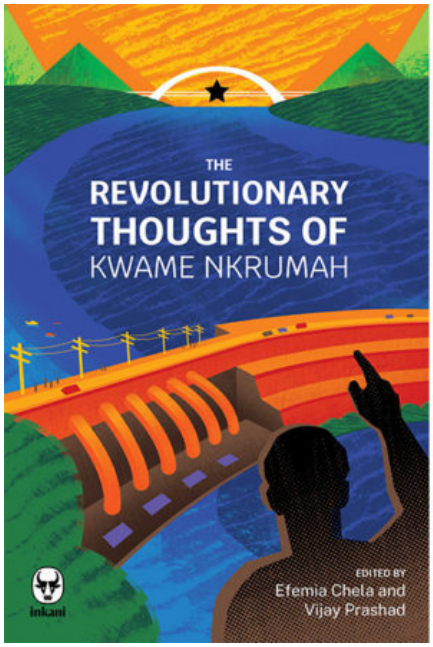


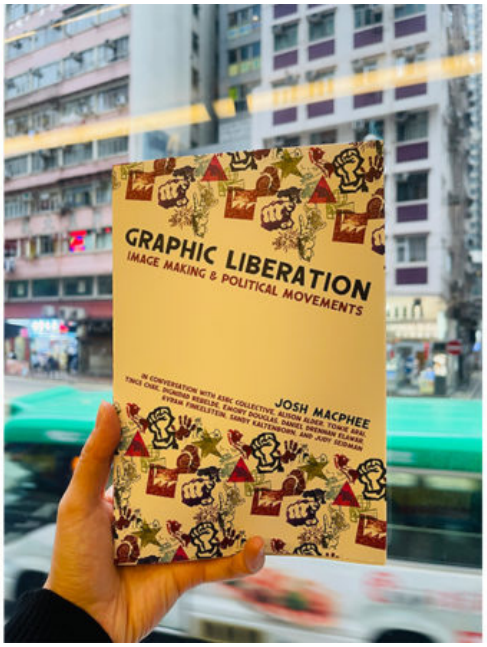
Valentina Aguirre (Venezuela), *Haydée fala de Moncada*, 2024.

O pôster do Dia do Livro Vermelho deste mês lembra a revolucionária cubana Haydée Santamaría, cuja vida e obra foram documentadas no livro *Haydée habla del Moncada* [Haydée fala de Moncada]. O pôster foi criado por **Valentina Aguirre**, ilustradora venezuelana, ceramista e membro da comunidade Utopix. Conhecida por seus amigos e companheiros como Yeyé, Haydée foi uma das guerrilheiras do Assalto ao Quartel de Moncada, em 26 de julho de 1953, que deu nome ao movimento revolucionário. Ela foi membra fundadora do Partido Comunista de Cuba e dirigiu a instituição cultural histórica Casa de las Américas [Casa das Américas]. Esse espaço de intercâmbio literário e artístico foi essencial para romper o isolamento cultural imposto pelo império estadunidense à Revolução Cubana.

Nas **palavras de Haydée**: "não podia aceitar isso porque [...] nosso povo não saberia quem eram nossos ancestrais indígenas, quem eram os escritores e artistas [...] E furamos o bloqueio, mesmo que apenas na ordem cultural". Leia mais sobre a cultura do internacionalismo na Revolução Cubana em nosso **dossiê** n. 15, ***A arte da revolução será internacionalista***.

Outras notícias...







Nossa equipe do Tricontinental participou de alguns livros no prelo ou recém-publicados. Ingrid Neves desenhou a nova capa do livro *The Revolutionary Thoughts of Kwame Nkrumah*, editado por Efemia Chela e Vijay Prashad e publicado pela **Inkani Books**. A obra de arte viajou de volta para a terra natal de Nkrumah, Gana, e foi presenteada à sua família, bem como aos escritórios da **TV Pan-Africana** em Acra. Enquanto isso, Kael Abello criou a capa para **1804 Books** de *Amílcar Cabral: Uma biografia política,* de Mario Pinto de Andrade. Caso você não tenha visto, o designer, historiador e arquivista Josh MacPhee me entrevistou sobre nosso trabalho cultural no Tricontinental, que foi incluído em ***Graphic Liberation: Image Making and Political Movements [Libertação gráfica: criação de imagens e movimentos políticos]*** com entrevistas com artistas revolucionários, desde Emory Douglas, do Partido dos Panteras Negras, até Judy Seidman, do Medu Art Ensemble.



"Internacionalizemos a luta. Internacionalizemos a esperança", oficina de artes no curso Batalha de Ideias, Brasil, 2024.

Durante todo este mês, os membros de nosso coletivo de arte participaram ativamente do curso Batalha de Ideias, com duração de um mês: Cultura e Comunicação na Educação Política para Quadros, organizada pela Assembleia Internacional dos Povos e pela Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST. Durante as oficinas, o Tricontinental se baseou em nossa **pesquisa** sobre a arte e a cultura da libertação nacional, as lutas socialistas e nossas práticas desenvolvidas pela produção de obras de arte e conhecimento de e para movimentos sociais e organizações políticas.

A **Batalha de Ideias**, bandeira erguida por Fidel Castro na década de 1990, foi um apelo ao povo cubano para que lutasse contra a crescente ideologia neoliberal que se seguiu à derrubada da União Soviética. Isso significava a necessidade de conquistar os corações e as mentes das pessoas como uma defesa desafiadora do socialismo contra o chamado fim da história. Como disse Fidel há um quarto de século, na posse presidencial de Hugo Chávez em Caracas, Venezuela, "uma revolução só pode ser filha da cultura e das ideias". É nas trincheiras dessa batalha por cultura, ideias e emoções que continuamos firmes.

Cordialmente,

Tings.

P.S. Nosso Boletim de Arte Tricontinental mensal agora é publicado em **inglês**, **espanhol** e **português**. Inscreva-se usando os links incorporados e compartilhe.